



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

O amor é inegociável

Quando nos tornamos pais de primeira viagem, também nos tornamos especialistas em dúvidas. Das mais banais às complexas. A que horas coloco para dormir; a que horas acordo; quanto de leite oferecer; qual a melhor roupa para o momento; se é hora de levar à emergência; que pomada usar; qual fralda comprar; e por aí vai.

Meses depois, já começamos a nos sentir PHDs em diversos desses temas e, se encontramos alguém que está presentes a ter o primogênito, logo disparamos vários “conselhos” com a intenção de tornar mais fáceis os primeiros dias da próxima mãe e do pai. Acontece que essa equação montada em nossas mentes depois de vividos todos os momentos intensos do puerpério, provavelmente, não funcionariam sequer se tivéssemos o poder de voltar no tempo. Que dirá na rotina de outro casal, ou mãe, que se insere em contextos totalmente diferentes, ainda que na mesma classe social. Temos uma mania de nos intrometer

na vida dos outros e achar que a nossa opinião realmente será relevante. Bando de ingênuos. É claro que uma ou outra recomendação, talvez, seja de alguma serventia à família em construção, mas ouvir e acolher é sempre mais importante do que tentar resolver problemas insolucionáveis por natureza, e que, às vezes, só o tempo poderá sanar.

Eis que vem o segundo filho e é a sua vez de testar todas as suas teorias pós-estrela na maternidade. Com uma lista do que deu certo e do que não se pode repetir na segunda tentativa em mãos, seguem os navegantes seguros. Receita para o sucesso... Só que não.

Outros problemas se colocam e atropelam os antigos. E mesmo para esses velhos conhecidos as formas corriqueiras de solução teimam em não funcionar. O caos está em curso e não há nada que você possa fazer para contê-lo. Exceto uma coisa. Vamos chegar lá.

E é quando você está no auge do seu cansaço que se aproxima um casal empolgado, grávido do segundo filho e ansioso por saber como será a chegada do rebento. Há alguns meses, encontramos dois amigos nessa situação. Eles nos perguntaram como estavam as coisas e, depois de viver todo o roteiro exposto nas linhas anteriores, apenas respondemos: “Vocês verão”.

No último fim de semana, nos reencontramos. Eles, já com o bebê no colo, é que nos disseram: “Pois é, nós vimos”, entre sorrisos sinceros e exaustos.

A única conclusão a que pude chegar durante esses poucos anos de maternidade é: me cobrar menos. Deslizes vão acontecer. Na maioria das vezes, basta admitir o erro e pedir desculpas, mesmo (e principalmente) para os bebês e crianças bem pequenas. Não seja violento com o seu filho — não use castigo físico nem xingamentos. E saiba que existe apenas uma coisa de que todos eles realmente precisavam para crescerem felizes e saudáveis: amor. O amor é inegociável.

» ENTREVISTA / JULIVAL RIBEIRO, INFECTOLOGISTA

Brasília registra aumentos seguidos de casos confirmados laboratorialmente da varíola do macaco. A Organização Mundial da Saúde (OMS) confirma que o Brasil tem o maior número de diagnósticos positivos no planeta

É preciso isolar pacientes suspeitos

» PEDRO MARRA

Os casos confirmados laboratorialmente de monkeypox ou varíola do macaco — doença de origem animal transmitida para humanos — no Distrito Federal, passaram de 93 para 102 nas duas últimas semanas, segundo informe epidemiológico da Secretaria de Saúde (SES). A alta acendeu um alerta para o controle sanitário em espaços fechados, como escolas, unidades de saúde e transporte público. Como se trata de uma doença infecciosa transmitida por lesões e fluidos corporais, gotículas respiratórias e materiais contaminados, como roupas de cama, a atenção deve ser redobrada.

Na última quarta-feira, a Organização Mundial da Saúde (OMS) mostrou no relatório epidemiológico da doença que o Brasil, entre 22 de julho e 7 de agosto, aparece com o maior aumento de casos no mundo. A alta foi de 592 para 1,7 mil diagnósticos positivos, o que representa um crescimento de 190%. No planeta, a alta foi de 19% — de 5,2 mil casos para 6,2 mil, no período de 25 de julho a 1º de agosto. Para analisar esse cenário, o **Correio** entrevistou o infectologista Julival Ribeiro que explicou os riscos de infecção, cuidados contra o vírus e outras curiosidades.

Nikos Pekiariadis/NurPhoto/Direitos reservados/ Agência Brasil



Quais os riscos de infecção da varíola do macaco em escolas, transporte público e unidades de saúde?

Em escolas, há locais fechados que só podem transmitir o vírus a partir de quem tem os sintomas. Depois, vão ter lesões. Se eu tiver com lesões pequenas, se me sentar com alguém infectado no ônibus, por exemplo, e ter contato pele a

pele, posso pegar o monkeypox. Se estou com uma lesão de boca, sem máscara dentro do ônibus, posso me infectar também, caso a pessoa espirre ou fale muito próxima a mim. Em outro caso, qualquer pessoa que se dirija à unidade de saúde com lesões, o ideal é que a coloquem em um local isolado, com máscara, tendo todos os cuidados até se ter o diagnóstico positivo, ou não.

Quais são as outras formas de transmissão da varíola do macaco?

As outras são por intermédio de vias respiratórias, compartilhamento de toalhas, lençol e objetos pessoais. Em banheiros, imagina-se que quem tem monkeypox pode transmitir o vírus por meio de compartilhamento dos equipamentos sanitários. Então, é preciso um cuidado constante.

Não há tratamento para a doença no momento. E acredito que o grande problema no Brasil são de casas onde vivem várias pessoas, e muitas vezes não têm condições de se cuidarem contra a doença

Qual o tratamento para a doença no DF?

Não há tratamento para a doença no momento. E acredito que o grande problema no Brasil são de casas onde vivem várias pessoas e, muitas vezes, elas não têm condições de se cuidarem contra a doença. Caso a pessoa tenha sintomas — coceira, febre, dores musculares e pontos avermelhados pelo corpo —, precisa ir ao hospital

para fazer exames, normalmente por PCR (teste molecular). Se estiver com o vírus, é preciso que fique em um quarto isolado e ter banheiro exclusivo. Quem for cuidar do paciente deve usar máscara de proteção para evitar ser infectada por secreções respiratórias.

Explique a diferença dessa varíola para outras existentes pelo mundo.

A varíola humana foi erradicada (em 1980) por meio de vacinação em massa. A monkeypox também leva a sintomas parecidos, como febre e dores musculares, mas é muito menos letal. Tanto que a maioria das pessoas se recupera sem muitos problemas. Para mais de 95% das pessoas, é uma doença autolimitada, que se resolve em torno de seis a 12 dias para a maioria, e de 14 a 21 dias para os casos mais graves.

Quais as medidas de prevenção da doença quando diagnosticada?

Diante da suspeita de alguém estar infectado pelo vírus, é necessário um local reservado para a pessoa nas unidades de saúde. Os médicos vão colher material para os exames laboratoriais e aguardar o resultado, que sai de 48 horas a sete dias. Se for positivo e com complicações, o paciente fica internado. Caso contrário, pode voltar para casa. O importante é garantir atenção primária, por um grupo de profissionais determinado pela Secretaria de Saúde para cuidar do paciente.

CLIMA

100 dias sem chuva

» ISABELA BERROGAIN
» PEDRO IBARRA

O Distrito Federal completa 100 dias de seca. Devido ao baixo volume de chuvas que aconteceram na última semana, meteorologistas destacam que Brasília não saiu do período de estiagem. Hoje, a temperatura máxima deve chegar a 29°C, com mínima de 13°. A umidade relativa do ar vai variar entre 20% e 70%. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), o clima na capital se manterá nessas condições até quinta-feira.

A situação parecia estar se resolvendo na semana passada, quando

foram registradas chuvas em locais isolados do DF. Porém, de acordo com Cleber Souza, meteorologista do Inmet, as precipitações não dão fim à seca. “Consideramos chuvas volumes a partir dos 10mm. No caso da semana passada, foram chuviscos, não chegaram nem a 1mm”, explica. Brasília já chegou a ter 164 dias de seca em 1963. Mais recentemente, em 2021, a umidade atingiu os níveis mais baixos observados nesta época do ano, com 11%.

Em 2022, a menor, até então, foi de 13% neste mês. Uma frente fria continental de origem polar vinda da Argentina se aproxima da região Centro-Oeste e deve gerar mudanças

Ed Alves/CB



Agosto tem marcado as menores taxas de umidade no ar, chegando a 13%, este ano. Em 2021, o índice ficou, neste época, em 11%

na situação climática a partir de quinta-feira, de acordo com a previsão do Inmet. Segundo Cleber Souza, o fenômeno vai diminuir a temperatura e aumentar a nebulosidade, possibilitando as precipitações. “Pode vir chuva, sim, basta saber se ela não perderá força até chegar ao DF”, pondera o meteorologista.

Incêndios

Além dos problemas de saúde que podem ser associados ao clima seco, como o surgimento de doenças respiratórias, as baixas taxas de umidade do ar junto das altas temperaturas afeta o meio ambiente. “Com

essa massa de ar seco e a vegetação ressecada como está, qualquer faísca pode fazer pegar fogo, causar um incêndio sério”, alerta Cleber.

No cerrado, bioma em que o DF está, as chamas atingiram níveis recordes. Até agosto, foram registrados 20.095 pontos de incêndios, número superior ao que foi identificado na Amazônia (16.874) e na Mata Atlântica (4.684) de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). A destruição do cerrado representa 45% das queimadas do Brasil. Caso focos de fogo sejam identificados, o Corpo de Bombeiros deve ser acionado por meio do número 193.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Resultados realizados em 14 de agosto de 2022

» Campo da Esperança

Alaísio Rodrigues Galvão, 85 anos
Alex Martins Lisboa, 47 anos
Alzenir do Nascimento Oliveira, 89 anos
Arthur do Vale Alvarez, menos de 1 ano

Carmélia Xavier da Silva, 91 anos
Guilherme Henrique dos Santos, 29 anos
Ireno do Nascimento, 95 anos
Josefa Moura da Cruz Sousa, 78 anos
Manoel Ayres Cavalcante do Couto, 91 anos
Maria Consuelo Ferreira e

Silva, 85 anos
Rosa Maria Serafim, 82 anos

» Taguatinga

Andiara Marinho Lima Silva, 66 anos
Antônio Clécio dos Santos Cavalcante, 26 anos
Édina Marcolina da Silva, 59 anos

José Douglas Borges dos Santos, 55 anos
Manoel Fernandes de Araújo, 55 anos
Maria José Vieira da Silva, 91 anos
Simoa Cantanhede, 95 anos

» Gama

Luciana Soares Araújo, 79 anos

» Brazlândia

Albina Ferreira Reis, 64 anos
José Eustáquio Silva, 62 anos

» Sobradinho

Elizabeth da Cruz Avelar, 88 anos
Marden Bezerra de Aguiar, 40 anos

» Jardim Metropolitano

Izabel Souza da Silva, 65 anos
Alexandre Loureiro Castelhão Filho, 40 anos (cremação)
Paula Luana Silva dos Santos, 45 anos (cremação)
Maria Nilza Batista de Souza, 43 anos (cremação)
Celina Costa Simões, menos de 1 ano (cremação)